

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE FILOSOFIA

**JOÃO BATISTA VALE SOBRINHO**

**O BOM SENSO COMO INSTRUMENTO NATURAL EM TODOS OS HOMENS  
AVALIADO POR RENE DESCARTES NO DISCURSO DO MÉTODO**

São Luís  
2014

**JOÃO BATISTA VALE SOBRINHO**

**O BOM SENSO COMO INSTRUMENTO NATURAL EM TODOS OS HOMENS  
AVALIADO POR RENE DESCARTES NO DISCURSO DO MÉTODO**

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para conclusão do Curso Licenciatura em Filosofia, orientado pela Prof<sup>a</sup> MSC Judite Eugênia Barbosa Costa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> MSc Judite Eugênia  
Barbosa Costa

São Luís  
2014

**JOÃO BATISTA VALE SOBRINHO**

**O BOM SENSO COMO INSTRUMENTO NATURAL EM TODOS OS HOMENS  
AVALIADO POR RENE DESCARTES NO DISCURSO DO MÉTODO**

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para conclusão do Curso Licenciatura em Filosofia, orientado pela Prof<sup>a</sup> MSC Judite Eugênia Barbosa Costa.

Aprovado em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Nota: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. MSC Judite Eugênia Barbosa Costa.  
(Orientadora)

---

2º Examinador

---

3º Examinador

## AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares: mãe, esposa, filhos e parentes que estiveram presentes em todo este percurso, sempre me incentivando para que conseguisse chegar a esse momento vitorioso.

A todos os meus amigos e colegas de curso e de classe por ter com os tais apreendido e obtido incentivos durante todo o Curso de Filosofia.

Aos professores do Curso de Filosofia por ter alcançado, por intermédio destes um bom conhecimento sobre a referida matéria.

À Professora MSC Judite Eugênia Barbosa Costa, por ter aprendido importantes lições sobre a realização de Trabalhos de Conclusão de Curso: Projeto e Monografia.

A Benito Oliveira Santana e Josilan Marques por terem digitado e formatado os meus trabalhos acadêmicos.

A Deus que pelo seu amor e justiça, me conduz a pensar e repensar sobre a minha existência neste mundo e sobre a minha caminhada profissional.

*O bom senso é a coisa do mundo mais bem distribuída: todos pensamos tê-lo em tal medida que até os mais difíceis de contentar nas outras coisas não costumam desejar mais bom senso do que aquele que têm.*

*René Descartes*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal, analisar o bom-senso a partir da distinção do verdadeiro e do falso na obra "O Discurso do Método", do filósofo René Descartes. Nesta obra ele fala sobre a origem de seu método mostrando sua insatisfação com a filosofia escolástica, e a partir desta insatisfação, dedica-se exaustivamente ao estudo das ciências e da matemática, devido à certeza e evidência de suas razões. O bom-senso por intermédio das regras de seu método é uma ponte para integrar os conhecimentos e alicerçar uma ciência universal, para que se possa julgar corretamente e distinguir o verdadeiro do falso. Para o filósofo na verdade conhecemos por intuição e dedução, e o método se inspira na matemática. Sendo o homem corpo e espírito, então o animal e os corpos em geral são entendidos como máquinas e o ser vivo se reduz à matéria e ao seu mecanismo, a partir daí a medicina e o estudo da anatomia se tornam realmente científicos, segundo o filósofo Descartes. O citado filósofo deseja encontrar as certezas necessárias para se fundar uma moral verdadeira, tendo como fundamento a razão e elabora uma "moral provisória" que é um dos galhos da árvore do saber. Descartes afirma, em sua obra "O Discurso do Método", a igualdade de direito, do bom-senso ou razão entre os homens que é a capacidade de bem julgar e de discernir o verdadeiro do falso. Nem todos os homens, porém, utilizam corretamente sua razão. Desse modo há a necessidade de um método, quer dizer de um caminho claro e evidente.

**Palavras-chave:** Bom-senso. Razão. Dúvida metódica.

## ABSTRACT

This work has as its main objective, to analyze the common sense from the distinction of true and false in the work "the discourse of method", the philosopher René Descartes. In this work he talks about the origin of his method showing their dissatisfaction with the scholastic philosophy, and from this dissatisfaction, focuses extensively to the study of science and mathematics, due to the certainty and evidence of his reasons. The good-sense through the rules of your method is a bridge to integrate knowledge and build a universal science, in order to be able to judge correctly and distinguish the true from false. For the philosopher actually know by intuition and deduction, and the method draws on mathematics. Being the man body and spirit, then the animal and the bodies are generally understood as machines and living thing boils down to the matter and to its mechanism, from dai medicine and the study of Anatomy become truly scientific, according to the philosopher Descartes. The quoted philosopher wants to find the certainties required to establish a true moral, taking as a basis the reason and elaborates a "temporary moral" which is one of the branches of the tree of knowledge. Descartes argues, in his work "the discourse of method", gender equality law, common sense or reason among men that is the ability to well judge and to discern the true from false. Not all men, however, correctly use their reason. Thus there is a need for a method, I mean a path clear and evident.

**Keywords:** Common sense. Reason. Methodical doubt.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>A IMPORTÂNCIA DO BOM SENSO PARA A DISTINÇÃO ENTRE O VERDADEIRO E O FALSO .....</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>REGRAS APLICADAS EM TUDO QUE O ESPÍRITO HUMANO PROCURA SABER .....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>COMPREENDER SOBRE A MORAL PROVISÓRIA NA OBRA .....</b>	<b>23</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>28</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho têm como propósito estudar sobre a necessidade de um bom uso do bom-senso ou razão ou luz natural dentro da ciência para o desenvolvimento da tecnologia e da medicina, bem como para se poder utilizar a natureza de maneira proveitosa e desenvolver-se uma boa condição de vida. Em que o objetivo principal é analisar sobre o bom-senso a partir da distinção do verdadeiro e do falso na obra “O Discurso do Método” do filósofo René Descartes. Neste trabalho encontram-se também os seguintes objetivos específicos: explicar sobre a importância do bom-senso para a distinção entre o verdadeiro e o falso; identificar as regras firmes que podem ser aplicadas em tudo o que o espírito humano procura saber; e compreender sobre a moral provisória na obra O Discurso do Método.

Esta pesquisa apresenta também as seguintes problemáticas: apesar de os seres humanos serem capazes de pensar continuam a fazer julgamentos duvidosos e a enganarem-se. Como compreender essa contradição? Como usar bem a ciência utilizando-se a razão na construção do conhecimento científico? Não se podendo ficar restrito apenas ao lado científico, pois há a necessidade do bem viver e é preciso que haja uma comunicação com clareza e segurança entre as pessoas: como conciliar o tempo da dúvida nas ciências e a ação que a vida exige? Em que sentido os programas da razão garantem o saber? Quais os motivos da não aplicação do bom-senso ou razão com eficácia? Qual a necessidade do bom uso das ciências? Porque é importante a liberdade para uma boa reflexão? De que modo o bom-senso ou a razão têm como fundamento um método?

De acordo com esta pesquisa, faz sentido afirmar que o bom-senso ou razão auxiliado por um método pode acrescentar muito ao conhecimento científico. Quando a razão ou luz natural, não dispor de um método como fundamento muitas situações negativas poderão ser utilizadas as regras da moral provisória. No entanto é necessário que o ser humano faça o uso do bom-senso auxiliado por um método, para que seja proporcionado a quem desta forma proceder um progresso incontestável no desempenho intelectual, pessoal e social.

Neste trabalho há a pretensão de haver o destaque de palavras que são de grande relevância na relação entre o bom-senso ou razão ou luz natural e o método cartesiano. Estas palavras consideradas chaves iniciam-se no Capítulo I, tentando explicar sobre a importância do bom-senso para a distinção entre o verdadeiro e o falso. No Capítulo II, o estudo prossegue fazendo uma abordagem sobre as regras do método cartesiano, procurando identifica-los com o conhecimento científico.

O Capítulo III finaliza com o estudo sobre a moral provisória, na falta de uma orientação metódica.

## **2 A IMPORTÂNCIA DO BOM SENSO PARA A DISTINÇÃO ENTRE O VERDADEIRO E O FALSO.**

Para o filósofo, René Descartes (1596-1650), o estudo científico é de extrema importância para o desenvolvimento da tecnologia e da medicina, e este estudo depende de um bom uso do Bom senso ou razão ou luz natural, auxiliado por um método, para que possa existir a distinção entre o verdadeiro e o falso. Esta é a proposta da Obra O Discurso do Método (1979, p.29), na qual o referido filósofo afirma:

O bom senso é a coisa do mundo mais bem partilhada; pois cada um julga estar dele tão bem provido, que aqueles mesmos que são mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa não costumam desejar ter dele mais do que já tem. Nisso não é possível que todos se enganem: mas antes testemunha que a potência de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que chamamos de bom senso ou razão, é naturalmente igual em todos os homens [...].

Segundo Descartes, o Bom senso é inato e naturalmente igual em todos os homens, e após refletir que os seres humanos, apesar de serem capazes de pensar continuam a fazer julgamentos duvidosos e a enganarem-se, surgindo desta forma uma contradição, no Discurso do Método Descartes (1979, p.29) conclui:

[...] e assim a diversidade de nossas opiniões não vem de uns serem mais razoáveis do que outros, mas só de conduzirmos nossos pensamentos por caminhos diversos e não considerarmos as mesmas coisas. Pois não basta ter o espírito bom, mas o principal é bem aplica-lo. As maiores almas são capazes dos maiores vícios e das maiores virtudes; e aqueles que só caminham muito lentamente podem avançar muito mais, se seguirem o caminho reto do que os que correm e dele se afastam [...].

Conforme Descartes, não é suficiente apenas o Bom senso ou razão, para ele é necessário aplicar essa luz natural de modo eficaz, é necessário que o Bom senso, razão ou luz natural que é uma qualidade de nosso espírito humano e que possuindo como fundamento um método, conduza as pessoas à reflexão e ao despertar de um pensamento crítico e consciente em que o ser humano possa colocar em prática. As pessoas devem estar preparadas para agirem em muitas situações em nossa existência, as pessoas na sociedade necessitam de uma boa aplicação do uso do Bom senso ou razão, através de um método que seja eficiente pra que se possa tornar clara e evidente as ideias, em meio a tanta diversidade e divergência de pensamentos e também para se puder utilizar a natureza de maneira

proveitosa e se desenvolver uma boa condição de vida. Sobre o termo claro e evidente há um exemplo, em Japiassú/Marcondes<sup>1</sup>, (2006, p. 47):

Duas palavras muito empregadas na linguagem filosófica do séc. XVIII para dar precisão do termo vago "ideia". Para Descartes, uma ideia clara é uma ideia manifesta e evidente, "presente e manifesta a um espírito atento"; é distinta quando não podemos confundir-lo com nenhuma outra. Consideremos um exemplo: uma criança tem uma ideia obscura do círculo quando não sabe distingui-lo de uma figura oval ou de diversas figuras curvas; tem uma ideia clara do círculo quando é capaz de distingui-lo de qualquer outra figura curva; contudo, embora clara, essa ideia será confusa se a criança só souber dizer o que é o círculo mostrando exemplos ou descrevendo-o imprecisamente; só terá uma ideia distinta do círculo quando souber defini-lo precisamente como o conjunto dos pontos equidistantes de um mesmo ponto chamado centro, cujos raios são iguais e cujo diâmetro é o dobro do raio.

Para Descartes, em meio a tanta diversidade e divergência de pensamentos é necessário que aceitemos aquilo que podemos compreender claramente e demonstrar racionalmente, devemos abandonar os dogmas religiosos, os preconceitos sociais, as censuras políticas e os dados fornecidos pelos sentidos. Só a razão conhece e somente ela pode julgar-se a si mesma. Esse pensamento do filósofo René Descartes determinou a ordem do saber no século XVIII, e se estendeu para a área da moral, da política e da religião, e propõe uma filosofia prática em oposição a uma filosofia especulativa.

A filosofia de Descartes é uma filosofia decididamente prática, na medida em que nos leva a compreender que a inteligência das coisas, a partir de seus verdadeiros princípios, fornecemos os meios de dominá-las. Conforme afirma em sua Carta prefácio aos Princípios de Filosofia, Descartes (1996, p. 219):

A fim de que esse conhecimento seja perfeito, é necessário deduzi-lo das primeiras causas, de sorte que para procurar adquiri-lo - o que se chama propriamente filosofar - é preciso começar pela busca dessas primeiras causas, isto é, dos princípios. Esses princípios devem obedecer as duas condições: a primeira, é que sejam tão claros e tão evidentes que o espírito humano não possa duvidar de sua verdade quando os considera com atenção; a segunda, é que o conhecimento das outras coisas deles dependa, de maneira que possam ser conhecidos sem elas, mas não sem elas sem eles. Depois do que, é preciso procurar deduzir desses princípios o conhecimento das coisas que dependem dele, de forma que nada exista em toda a sequência das deduções efetuadas que não seja deveras manifesto.

---

<sup>1</sup>Hilton Ferreira Japiassu nasceu em Carolina, Maranhão, no dia 26 de março de 1934. Filho de José Alves Ferreira e Walmerina Japiassu Ferreira, alcançou a licenciatura em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC) em 1969. DANILO MARCONDES, doutor em filosofia pela Universidade de St. Andrew, Grã-Bretanha, é professor titular do Departamento de Filosofia da PUC-Rio.

Dessa forma, Descartes tenta romper com a filosofia antiga e a ciência tradicional, em seu percurso intelectual Descartes, procura afastar-se do pensamento aristotélico, que ensinava que o conhecimento deve se originar nas sensações dos órgãos dos sentidos e da filosofia escolástica que era uma ciência filosófica-teológica cultivada nas escolas da idade média a serviço da filosofia cristã, Descartes propõe uma alteração na ordem de interpretação das coisas e a explicação mecânica começa a ser privilegiada em oposição ao conhecimento místico.

É a transcendência de Deus que vai permitir a Descartes elaborar uma concepção puramente racional e mecanicista da natureza, a natureza não possui dinamismo próprio. Seu dinamismo pertence ao Criador, a natureza fica reduzida a um mecanismo inteiramente transparente à linguagem matemática. A natureza é um objeto criado e encontra-se inteiramente entregue à exploração da razão humana. Conforme escrito na obra o Discurso do Método de Descartes (1979, p.51):

Permanecia sempre firme na resolução que tomara de não supor qualquer outro princípio, exceto aquele que acabo de me servir para demonstrar a existência de Deus e da alma, e de não acolher coisa alguma por verdadeira que não me parecesse mais clara e mais certa do que me haviam parecido as demonstrações dos geômetras. E, no entanto, devo dizer que não só encontrei meio de satisfazer em pouco tempo, no tocante, as todas as principais dificuldades que costumavam ser tratadas na filosofia, mas também que notei certas leis que Deus estabeleceu de tal modo na natureza e das quais imprimiu tais noções em nossas almas que, depois de refletir bastante sobre elas, não poderíamos duvidar que não fossem exatamente observadas em tudo o que existe no mundo.

Essa concepção da natureza e da ciência que a estuda e legitima a esperança que o homem deposita na técnica, que nos pode nos tornar “mestres e pesquisadores da natureza”, Descartes confere o homem a responsabilidade pelo domínio e a gestão da natureza. Dessa maneira o conhecimento passa a comparar-se a uma máquina onde é previsível a interpretação racionalmente os fenômenos físicos.

Na obra o Discurso do Método para bem conduzir a razão e buscar a verdade nas ciências, de Descartes, há uma orientação sobre a necessidade de se fazer um uso eficiente da ciência, tendo como fundamento o Bom Senso ou razão ou luz natural, para o desenvolvimento da própria ciência, a referida obra é também introdução a outra obra do mesmo autor e intitulada A Dióptrica, escrita em 1637 e foi publicada juntamente com o Discurso do Método, com o objetivo de ilustrar seu

novo método científico e destacar a importância da inteligência para o conhecimento científico, esse livro trabalha com a refração e o fabrico de lentes e fornece informações precisas sobre o olho, sobre a luz, sobre a visão e de tudo o que está relacionado com a ótica, conforme Descartes (2010, p. 451,452):

Toda a conduta de nossa vida depende de nossos sentidos, e como a visão é o mais universal e o mais nobre dos sentidos, não resta a menor dúvida de que as invenções que servem para aumentar seu poder estão entre as mais úteis que podem existir. E é difícil encontrar alguma que a aumente mais do que aquelas maravilhosas lunetas que, estando em uso há pouco tempo, nos têm revelado novos astros no céu e outros novos objetos acima da Terra em maior número do que nós já havíamos visto antes. Assim, levando nossa visão muito mais longe do que poderia normalmente ir à imaginação de nossos pais, essas lunetas parecem ter aberto caminho para que nós alcancemos um conhecimento da natureza muito maior e mais perfeito do que eles possuíram. Mas, para vergonha de nossas ciências, essa invenção, tão útil e tão admirável, apenas foi primeiramente alcançada pela experiência e ao acaso. Há aproximadamente 30 anos, um homem chamado Jacques Metius, oriundo da cidade de Alkmar na Holanda, que nunca estudou, experimentou, felizmente, olhar através de dois, dos quais um era um pouco mais espesso no meio do que nas extremidades, e o outro, ao contrário, era muito mais espesso nas extremidades do que no meio.

Descartes enfatiza a necessidade de nos apropriarmos de um conhecimento científico, adequado que poderá ser de grande auxílio nas pesquisas científicas, para que o conhecimento sobre as coisas não se deem por acaso. Ele afirma que, apesar da visão dos seres humanos serem o mais nobre dos sentidos, ele necessita de aparelhos que aumentem o seu poder de percepção, dessa forma o conhecimento humano passará a ser mais claro e evidente com a aplicação de um método. E dessa forma utilizar a ciência com eficiência.

Destarte, a França no século XVII, era palco de inseguranças políticas e sociais, nessa época dá-se o começo do reinado conturbado de Luís XIV. Esse período foi marcado por grandes e profundas incertezas intelectuais, havia nessa época um desejo acentuado de mudança, transformação e progresso. A física de Galileu (1564-1642) critica a teoria astronômica, de inspiração Aristotélico-ptolomaica, segundo a qual não somente a terra é imóvel, mas situa-se no centro do mundo, essa teoria foi derrubada pela teoria heliocêntrica de Copérnico<sup>2</sup> (1473-1543).

---

<sup>2</sup> Nicolau Copérnico (Toruń, 19 de Fevereiro de 1473 — Frauenburgo, 24 de Maio de 1543) foi um astrônomo e matemático polaco que desenvolveu a teoria heliocêntrica do Sistema Solar. Foi também cônego da Igreja Católica, governador e administrador, jurista, astrólogo e médico.

As novidades que surgiram na física colocavam em situação delicada a visão antiga de ciência ao mesmo tempo em que desafiava a autoridade da igreja, essa autoridade também havia sido abalada por uma grande divergência doutrinária entre católicos e protestantes. Os grandes representantes da igreja ameaçavam de morte os defensores da nova ciência, entre os que sofriam ameaças encontrava-se o cientista Galileu (1564 -1642) ele colocava a matemática como o modelo e a linguagem de todo conhecimento científico.

Já Descartes procura mostrar que não se verificava contradições entre as verdades da ciência e as verdades do cristianismo. E com esse objetivo constrói os fundamentos de sua filosofia, o filósofo pretende explicar sobre a importância do Bom Senso para a distinção entre o verdadeiro e o falso, também em nossos dias.

Para Descartes, o filósofo é o metafísico, aquele que busca os primeiros princípios, que investiga o real em sua dimensão mais básica, mais abstrata, mais geral DESCARTES, princípios de filosofia – prefácio (p. 15,16):

Primeiramente, gostaria de começar pelas coisas mais vulgares como, por exemplo, que esta palavra *Filosofia* significa o estudo da sabedoria, e por sabedoria não se deve entender apenas a prudência nos negócios, mas um conhecimento perfeito de todas as coisas que o homem pode saber, tanto para a conduta da sua vida como para a conservação da saúde e invenção de todas as artes. E para que este conhecimento assim possa ser, é necessário deduzi-lo das primeiras causas, de tal modo que para se conseguir obtê-lo - e a isto se chama filosofar - há que começar pela investigação dessas primeiras causas, ou seja, dos princípios. Estes devem obedecer as duas condições: uma, é que sejam tão claros e evidentes que o espírito humano não possa duvidar da sua verdade desde que se aplique a considerá-los com atenção; a outra, é que o conhecimento das outras coisas dependa deles, de maneira que possam ser conhecidos sem elas, mas não inverso. Depois disto é indispensável que a partir desses princípios se possa deduzir o conhecimento das coisas que dependem deles, de tal modo que no encadeamento das deduções realizadas não haja nada que não seja perfeitamente conhecido.

Descartes critica tudo aquilo que aprendeu na escola porque não repousava em fundamentos ou princípios sólidos. Pelo contrário, limitava-se a propor conhecimentos apenas verossímeis, quer dizer, só aparentemente verdadeiros: não forneciam nenhuma certeza. Logo, para se fundar na certeza, o conhecimento deve começar pela busca de princípios seguros.

René Descartes foi um filósofo que no início do século XVI deu o primeiro passo para uma forma de pensar extremamente diferente da forma de pensar tradicional Aristotélica, que perdurou por muitos séculos na Europa.

O pensador Aristóteles e os admiradores da escolástica queriam interpretar os fenômenos físicos, por meio da própria natureza das coisas, muito embora essa admiração fosse verdadeira, ela não dá um bom quantitativo de informações, pois não interpreta de forma eficaz sobre o funcionamento da matéria que se encontra em estudo. Desse modo há em Descartes uma proposta de alteração na ordem de interpretação das coisas e a explicação mecânica começa a ser privilegiada, e os poderes misteriosos e sem explicação começam a perder a sua influência no conhecimento. O referido filósofo afirma em sua carta prefácio aos princípios da filosofia sobre o último princípio, Descartes (1996, p. 251,252):

O último e principal fruto desses princípios é que poderemos, cultivando-os, descobrir muitas verdades que não expliquei; e assim passando pouco a pouco de umas as outras, adquirir com o tempo um perfeito conhecimento de toda a Filosofia e chegar ao mais alto grau da Sabedoria. Pois, como vemos em todas as artes, embora sejam no começo rudes e imperfeitas, mas como contenham algo de verdadeiro e cujo efeito fica patente na experiência, elas se aperfeiçoam paulatinamente pelo uso. Desse modo, quando em Filosofia possuímos verdadeiros princípios, não podemos deixar de encontrar por vezes outras verdades, se os seguirmos. E não haveria melhor prova do que os de Aristóteles são falsos do que dizer que não se pôde fazer nenhum progresso por seu intermédio desde que foram seguidos há muitos séculos.

Descartes, neste último princípio faz uma dura crítica ao filósofo Aristóteles (384 – 322 a.C), afirmando que a filosofia do mesmo está ultrapassada e que por intermédio dela não se pode efetuar nenhum progresso desde quando começaram a utilizar-se a mesma. É necessário, portanto que se vá cultivando todos os princípios até que se possa conseguir descobrir muitas verdades pouco a pouco e com o tempo se adquirir um conhecimento perfeito de toda a Filosofia.

O “*Cogito, ergo sum*”: em Descartes é evidência da primeira certeza e é o fundamento firme para a construção do conhecimento. É a única realidade que é imediatamente fornecida ao espírito, qualquer outra realidade deve ser deduzida dele. Descartes sofreu influência do pensador Stº Agostinho<sup>3</sup>, (354 – 430 a. C.); uma vez que este, faz a síntese entre o pensamento filosófico clássico e o cristianismo. Entretanto, encontra com um obstáculo no caminho da verdade: a dúvida cética, largamente explorada pelos acadêmicos, a superação dessa dúvida é condição fundamental para o estabelecimento de base sólida para o conhecimento racional, Agostinho (1986 *apud*, Resende, p.92) antecipa o cogito cartesiano:

---

<sup>3</sup>Bispo de Hipona nasceu em Tagoste, hoje Souk-Ahras, na Argélia, e é um dos mais importantes iniciadores da tradição platônica no surgimento da filosofia cristã..

[...] de forma alguma temo os argumentos dos acadêmicos quando perguntam: mas, e se te enganas? – se me engano, existo, pois quem não existe não pode se enganar. Se, pois existo porque me engano, como me enganarei de minha existência quando tenho a certeza de existir pelo fato de que me engano?.

A nova academia foi uma escola de filosofia da Grécia antiga, representando a fase cética do pensamento da academia de Platão (388 a.C). A nova academia foi fundada por Arcesilau (316 – 321 a.C) e continuou com Carnéades (215 – 129 a.C). O pensamento filosófico da nova academia baseava-se na frase de Sócrates “Só sei que nada sei”, para combater a certeza dos filósofos estoicos e defender uma posição segunda a qual a certeza é impossível: por tanto, devemos suspender nossos juízos sobre as coisas, podendo nos aproximar progressivamente da verdade.

Para Descartes, o método filosófico é a dúvida metódica, que se diferencia da dúvida cética, que suspende todo e qualquer juízo, não acreditando na possibilidade de atingirmos a certeza, a dúvida metódica tem por objetivo fundar a certeza de modo inquebrantável, rejeitando sistematicamente tudo aquilo que não é certo de uma certeza absoluta, ou seja, para nós as coisas necessitam ser absolutamente evidente. Dessa forma, “duvido, logo existo” é a mesma coisa que “penso, logo existo”.

A partir dessa dúvida universal, Descartes deriva o conhecimento de Deus, o conhecimento que temos de nós mesmos e o conhecimento de tudo o que existe.

Descartes, supondo a existência de um “gênio mau”, cria a hipótese do “gênio maligno”, que é astucioso, enganador e poderoso e que eleva a dúvida universal e hiperbólica a seu mais alto grau: mesmo as verdades matemáticas (  $2 + 2 = 4$  ) parecem comprometidas pela hipótese da existência de um gênio maligno, um deus enganador que se satisfaz em manipular o pensamento do referido filósofo. Quando a dúvida alcançar o seu mais alto grau, uma certeza lhe resiste: eu duvido, logo eu penso, se eu penso, eu existo. Nem mesmo a hipótese de um gênio, maligno consegue abolir esta certeza, porque, mesmo que ele me engane, eu ainda existo.

Para o filósofo, Descartes, o cogito: “eu penso, logo existo”, é a única realidade que é dada imediatamente ao espírito; ou seja, qualquer outra realidade deve ser deduzida dele, a dedução é um raciocínio que nos permite compreender a

passagem de uma verdade evidente por meio da intuição às suas conseqüências, dessa maneira a evidência transferida torna-se a certeza, e a intuição para Descartes é uma forma racional pela qual o espírito do ser humano pode conhecer de forma direta e imediata um objeto e o espírito conhecedor tem que estar puro e estar atento, para ele a ideia de Deus e o cogito são objetos da intuição.

Conforme Descartes (1628, Regra III)

Por intuição, não a convicção flutuante fornecida pelos sentidos ou o juízo enganador de uma imaginação de composições inadequadas, mas o conceito da mente pura e atenta tão fácil e distinta que nenhuma dúvida nos fica acerca do que compreendemos: ou então, o que é a mesma coisa, o conceito da mente pura atenta, sem dúvida possível, que nasce apenas da luz da razão e que por ser mais simples, é ainda mais certo do que a dedução, se bem que esta última não possa ser mal feita pelo homem (...) por dedução; por ela entendemos o que se conclui necessariamente de outras coisas conhecidas com certeza.

O cogito é uma filosofia dualista que define o corpo e a alma como duas substâncias completas, heterogêneas e opostas por suas essências, as ideias são modos do pensamento e Descartes distingue três tipos de ideias: a) inatas, que se originam da própria mente e não depende de experiências anteriores como exemplos a ideia de um Deus Perfeito, da substância pensante e da matéria extensa; b) fictícia, ou da imaginação, ideias criadas pela mente e que se referem à uma realidade imaginária, como por exemplo, a quimera, a sereia; c) adventícias, formadas pela mente resultante da experiência sensível, as coisas são modos da extensão ou característica da matéria: para o autor, os corpos só são conhecidos pela figura e pelo movimento conforme Descartes (1986, apud, Resende, p.107):

Depois, examinando com atenção o que eu era, e vendo que podia supor que não tinha corpo algum e que não havia qualquer mundo, ou qualquer lugar onde eu existisse, mas que nem por isso podia supor que não existia; e que, ao contrário, pelo fato mêm de eu pensar em duvidar da verdade das outras coisas..., compreendi que eu era uma *substância* cuja essência ou natureza consiste no pensar, e que, para ser, não necessita de nenhum lugar, nem depende de qualquer coisa material. De sorte que esse eu, isto é, a alma pela qual sou o que sou, é inteiramente distinto do corpo e, mesmo, que é mais simples de conhecer do que ele; e ainda que ele nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é. (DESCARTES, 1986, apud, Resende, p.107)

Segundo Descartes, o ser humano é, simultaneamente, alma, substância pensante imaterial e corpo, substância estendida submetida ao mecanismo da natureza.

Já para Aristóteles (384 – 322 a.C.) e para aqueles que confiavam no que ele ensinava, o conhecimento deve se originar nas sensações dos órgãos dos sentidos, para Descartes, as coisas que não são concretas e que os sentidos não podem perceber, como a alma e Deus, são mais bem conhecidos do que as coisas concretas ou sensíveis, para o referido filósofo, as ideias inatas são colocadas na mente por Deus, dessa forma o conhecimento se torna certo e isento de dúvidas. Esta certeza deve ser fundamentada com a prova da existência de Deus, é essa existência que garante a relação possível entre a ordem do pensamento ou ideias e a ordem do ser ou realidade objetiva.

No livro *Meditações Metafísicas* (1641), Descartes, demonstra que da ideia de Deus e de sua perfeição podemos deduzir sua existência e conseqüentemente a veracidade de nosso conhecimento do mundo natural, estabelecendo assim os princípios que fundamentam a física.

Essa obra é um aprofundamento do sistema elaborado no *Discurso do Método* (2012, p.134) e nas regras para a direção do espírito; cito:

[...] pois de Deus não ser enganador se segue necessariamente que não sou enganado nisso. Mas, uma vez que as necessidades dos negócios muitas vezes nos obriga a nos decidir antes de termos o lazer de examiná-las com tanto cuidado, cumpre admitir que a vida do homem está sujeita com muita frequência a falhar nas coisas particulares e, enfim, cumpre reconhecer a enfermidade e a fraqueza da nossa natureza".).

Nesta citação, Descartes, coloca o problema da relação entre o pensamento e realidade objetiva, com essa afirmação há necessidade de provar a existência de Deus, que é um ser perfeito e que tudo o que existe vem dele.

Deus desempenha um papel central no sistema filosófico de Descartes. Na validação cartesiana do conhecimento, a existência de um criador perfeito tem que ser demonstrada para que o meditador passe do conhecimento subjetivo isolado de sua própria existência ao conhecimento de outras coisas.

John Cottingham<sup>4</sup> (p. 91) é professor de filosofia da Universidade de Reading, especialista nas obras de Descartes. Para o autor, a inteligência natural ou luz natural ou razão ou bom senso possui o seguinte significado (1995).

---

<sup>4</sup>John Cottingham é um filósofo Inglês, educado na escola de Taylors mercante perto de Londres, e facultade de St John, Oxford. Ele é Professor Emérito de Filosofia, Universidade de Reading, Professorial Research Fellow, Heythrop College, Universidade de Londres, Honorary Fellow do St John College, Oxford e editor do *Ratio: Jornal Internacional de Filosofia Analítica* Entre seus livros incluem-se *Descartes* (Blackwell, 1986) e *The Rationalists* (Oxford University press, 1988).

Inteligência natural, uma das teses que Descartes sustenta com coerência é a de que os poderes inatos da mente humana, se corretamente guiados, nos levarão ao conhecimento certo da verdade, de modo bem mais eficaz do que todo o aprendizado herdado das eras passadas. No Discurso sobre o método (1637), o mesmo tema é retomado. O "método" destina-se a "bem conduzir a razão", e o livro se abre com uma afirmativa de que o "bom senso" (le bon sens) é "a coisa do mundo melhor partilhada": "O poder de julgar bem e de distinguir o verdadeiro do falso - que é o que, com acerto, denominamos 'bom senso' ou 'razão' - é naturalmente igual em todos os homens" (AT VI 1: CSM I 111). Finalmente, no diálogo inacabado A busca da verdade por meio da luz natural (escrito à época das Meditações ou, possivelmente, no último ano de vida de Descartes), diz-se que o homem comum e sem instrução "Todo homem" ("Polian-dro"), guiado por seu próprio juízo sem preconceitos, tem uma chance muito maior de entender a verdade do que o erudito sofisticado ("Epistemon"), contaminado pelo aprendizado da Antiguidade clássica (AT X 502-3: CSM II403).

Para Cottingham, a valorização do Bom Senso ou razão ou luz natural em Descartes é extremamente importante para qualquer ser humano determinar o caminho que possa seguir acerca de qualquer assunto que lhe possa ocupar o pensamento e penetra o segredo de toda a ciência. "Basta que esse poder inato da mente humana se corretamente guiados nos levarão ao conhecimento certo da verdade e é tema presente em todas as suas obras: "O discurso do método", "A busca da verdade por meio da luz natural", "Meditações metafísicas", "Dióptrica" dentre outras.

### **3 REGRAS APLICADAS EM TUDO QUE O ESPÍRITO HUMANO PROCURA SABER**

O método pode ser definido como o conjunto de procedimentos racionais, baseados em regras, que visam atingir um objetivo determinado e pode ser aplicado na ciência para o estabelecimento e a demonstração de uma Verdade Científica. O homem está sujeito ao erro e, portanto é necessário o auxílio de um método (um caminho) que conduza o espírito de uma verdade a outra por intermédio da dedução. O racionalismo utiliza o método dedutivo. Descartes, faz o uso da razão partindo dos princípios, às consequências, ou seja, para o referido filósofo, o conhecimento parte da intuição, visão indubitável, da qual se origina a evidência das

ideias clara e distinta e da dedução que é uma argumentação lógica a partir das evidências, o método em Descartes, se fundamenta na matemática, meio pelo qual se chega ao conhecimento certo e verdadeiro, no livro regras para a direção do espírito, afirma Descartes, (1928, regra IV):

Entendo por método regras certas e fáceis, que permitem a quem exatamente as observar nunca tomar por verdadeiro algo de falso e, sem desperdiçar inutilmente nenhum esforço da mente, mas aumentando sempre gradualmente o saber, atingir o conhecimento verdadeiro de tudo o que será capaz de saber.

Dessa maneira, o método em René Descartes propõe uma nova forma de pensar, ou seja, ajustar os pensamentos com um fundamento sólido que é a razão e não apenas nos exemplos e costumes, com a finalidade de não andarmos ao acaso, sem rumo e sim seguir uma ordem, um método que se subdivide em quatro preceitos:

✓ da evidência, jamais admitir coisa alguma como verdadeira se não a se reconhece como evidente. Conceito do termo evidência, Japiassú/Marcondes (2006):

(lat. Evidentia) Em seu sentido corrente, tudo aquilo que se impõe ao espírito com uma força tal que parece desnecessário demonstrá-lo ou prova-lo. Ex: “O todo é maior do que a parte” (Euclides). Precisamos distinguir as “falsas evidências objetivas”. Para Descartes, somente a evidência intelectual pode constituir critério de objetividade. A primeira regra do método consiste “em nada aceitar por verdadeiro a não ser que se imponha a mim como evidente”. Uma ideia evidente é uma ideia ao mesmo tempo clara (presente ao espírito) e distinta (definida) a verdade das evidências é garantida metafisicamente pela veracidade divina; e as ciências são fundadas em evidências racionais primeiras. As falsas evidências são as dos preconceitos, as da infância e as dos sentidos. O modelo das evidências intelectuais é o das matemáticas. Aquilo que se chama de modo tautológico de “evidência absoluta” é apenas o grau absoluto da certeza. (JAPIASSÚ/MARCONDES, 2006, p.98)

✓ da análise, deve-se dividir cada uma das dificuldades em tantas partes quantos forem possíveis;

✓ da síntese, concluir por ordem cada pensamento, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de serem conhecidos para, aos poucos, como que por degraus, chegar aos mais complexos;

✓ do desmembramento, em cada caso, fazer enumerações o mais exatos possíveis até o momento de estar certo de nada ter omitido.

Para Franklin Leopoldo e Silva<sup>5</sup> (p.25 a 32), professor da Universidade de São Paulo (USP), e tendo escrito o livro sobre, Descartes, a Metafísica da Modernidade, que vai da dúvida à evidência e possui a seguinte interpretação: o método em Descartes, trabalha com o objetivo de realizar a reconstrução do saber, recusando e criticando a tradição cultural e a filosofia escolástica, e propondo uma reflexão sobre a ciência e a metafísica indicando às pessoas uma nova forma de filosofar.

No Livro o Discurso do Método, Descartes proclama e acredita poder alcançar a verdade absoluta, neste livro nos afirma que o bom senso é a coisa mais bem partilhada do mundo, e que o bom senso é a capacidade de distinguir o verdadeiro do falso, e que no entanto a razão ou bom senso deve ser conduzida por intermédio de regras que permitem ao espírito humano chegar à evidência das coisas e que para tanto não há a necessidade do ser humano possuir erudição ou dons particulares de memória e argúcia.

Descartes critica o ensino tradicional depois de efetuar estudos pessoais, com o ensino tradicional houve em seu espírito apenas o acúmulo de dúvida ao invés da aquisição do saber, na matemática ele encontra a firmeza da evidência e a clareza dos raciocínios utilizados, ele observa também a inibidora diversidade de opiniões que impera na filosofia. Para o autor a busca da verdade encontra-se na ciência que se encontra nele mesmo ou então “no grande livro do mundo”. Diante da dúvida, o espírito humano deve estar possuindo um método para que possa existir de forma eficiente a busca do conhecimento verdadeiro, desprezando-se as opiniões duvidosas, deve-se observar se há algum conhecimento deixado em estudos tradicionais que possa servir de ajuda na preparação de um método. Descartes buscou o auxílio do conhecimento matemático e da lógica, para ele o conhecimento matemático é evidente e a lógica porque apresenta regras de raciocínio correto, no entanto a matemática para Descartes, limitava-se aos números e às figuras, às operações aritméticas e geométricas: a evidência matemática para o referido filósofo é aquilo que o espírito humano pode apreender de mais certo; quanto à lógica, o filósofo não poupa críticas ao silogismo de Aristóteles, pelo fato de não acrescentar algo de novo ao conhecimento.

---

<sup>5</sup> Franklin Leopoldo e Silva é um professor universitário brasileiro. Bacharel, mestre, doutor e livre-docente, pela Universidade de São Paulo, é professor titular de história da filosofia contemporânea da mesma universidade.

Para Descartes, o seu método inclui o que existe de positivo nestas duas ciências e exclui nelas o que há de negativo. Nas regras do método cartesiano deve-se evitar o julgamento precipitado baseados em opiniões simplesmente recebidas, e sim após um juízo entre as coisas com inteira clareza e total distinção, elas devem possuir o rigor da matemática efetuando-se a divisão das dificuldades, partindo-se dos elementos simples sobre o todo, nelas a dedução é importante, o encadeamento dos elementos dentro do sistema é relevante para a demonstração da verdade, as regras do método devem possuir um caráter sintético e uma visão de totalidade do conjunto.

Em Descartes, o conteúdo da representação têm que esvaziar-se de todas as condições materiais e psicológicas que poderiam influenciar de forma negativa o pensamento. A verdade é alguma coisa a ser procurada no próprio sujeito, na ciência que está nele mesmo: no bom senso, ou razão ou luz natural. Se os passos do método forem seguidos o conhecimento procurado não poderá ser colocado em dúvida e a certeza do conhecimento pelo sujeito se torna evidente.

O método cartesiano conduz o encontro de uma verdade subjetiva, centrada no sujeito e diferente da proposta subjetiva da verdade elaborada pela tradição e aceita simplesmente pelo sujeito, é através do caminho metódico que o filósofo encontrou a evidência da verdade e o caráter subjetivo desta verdade não decorre de condições subjetivas de caráter histórico ou psicológico.

#### **4 COMPREENDER SOBRE A MORAL PROVISÓRIA NA OBRA**

A distância entre o verdadeiro e o falso, se estende às necessidades do bem viver e é preciso que haja entre as pessoas uma comunicação com clareza e segurança nesta existência, logo há a necessidade de se conciliar o tempo da dúvida na ciência e a ação que a vida exige, em meio a tanta diversidade e divergências de pensamentos. O ser humano deve estar preparado para agir em muitas situações em nossa existência, como por exemplo, na questão de uma moral provisória, com a intenção de poder dar sustentação às pessoas na urgência de uma ação, e na falta de um método é válido o apoio de um saber individual para se poder julgar da melhor maneira possível para se chegar em uma ação a melhores

resultados. Descartes ao se preocupar com o aperfeiçoamento individual capaz de levar os individuais a fazerem uma justa apreciação dos bens, e nesta apreciação dos bens, confere destaque especial à liberdade e não ao saber. “Não basta julgar bem para agir bem,” para o referido filósofo a moral não deriva apenas do conhecimento, Descartes (2012, p. 23-27):

[...] a minha segunda máxima consistia em ser o mais firme e o mais decidido possível nas ações e em não seguir menos firmemente as opiniões mais duvidosas, quando a isso me houvesse decidido, do que se elas fossem muito seguras: imitando nisso os viajantes que vendo-se perdidos numa floresta, não devem errar girando ora para um lado, ora para outro, nem muito menos, deter-se num lugar, mas caminhar sempre o mais reto que puderem para um mesmo lado, e não trocá-lo por nenhum motivo, mesmo que o começo talvez tenha sido só o acaso que os tenha determinado a escolhê-lo; pois, com isso, se não vão exatamente aonde desejam, pelo menos chegarão por fim em algum lugar onde provavelmente estarão melhor do que no meio da floresta. E assim, como as ações da vida muitas vezes não permitem nenhum atraso, é uma verdade certíssima que, quando não está em nosso poder discernir as opiniões mais verdadeiras, devemos seguir as mais prováveis; e, mesmo que não notemos maior probabilidade numas do que nas outras, devemos, porém, nos decidir a algumas e depois considera-las, não mais duvidosas enquanto se relacionam com a prática, mas muito verdadeira e muito certa, porque o é a razão que nos determinou. E isso foi capaz, então, de me libertar de todos os arrependimentos e remorsos que costumam perturbar a consciência daqueles espíritos fracos e hesitantes que se deixam levar inconstantemente a praticar como boas coisas que depois julgam más.

Descartes têm a intenção de encontrar fundamentos para estabelecer uma verdadeira moral com o amparo da razão, para que se possa agir livremente a tal ponto de sermos donos de nossas ações optando pelo que é verdadeiro, por imposição de nossa vontade, distinguindo-o do que é falso e sem sermos determinados a qualquer ação. Sendo o saber como uma árvore cujas raízes são a metafísica, o tronco a física, os galhos, a mecânica, a medicina e a moral. Sendo assim, é desse conhecimento avançado que devemos deduzir uma moral verdadeira. A bondade da moral provisória é estabelecida e determinada por Deus, que conduz ao que é bom, a liberdade da escolha não está na indiferença do que é oposto. Essa liberdade busca o bom e verdadeiro. Essa liberdade se fundamenta pelo próprio conhecimento do indivíduo ou por Deus, visto que a graça divina e o conhecimento das coisas, não inibem a liberdade, antes aumentam e dão

sustentação à liberdade individual. Um exemplo sobre a questão do livre-arbítrio, encontra-se no termo: Buridan<sup>6</sup>, o asno de. Japiassu; Marcondes (2006, p.35):

Jean Buridan, filósofo nominalista francês do séc. XIV ilustrou suas polêmicas em torno da questão do “livre-arbítrio”, colocando em cena um asno faminto e sedento a igual distância de um monte de feno e de uma lata d’água; por não conseguir decidir entre a bebida e a comida, o asno termina morrendo. Este argumento passa a simbolizar, doravante, a necessidade de um motivo antes de toda escolha; ele prova, por absurdo que, na realidade, é indispensável uma escolha. Porque, como ilustra a tese de Descartes, “a indiferença é o mais baixo grau de liberdade”. Contudo esta fábula não se encontra nos escritos de Buridan.

A moral provisória se fundamenta em regras de prudência que facilitam ao homem agir em caráter de emergência. Uma característica importante na moral provisória é efetuar um juízo de forma eficaz, para se poder obter melhores resultados na ação: observando às leis e costumes de seu povo e aplicar-se durante sua existência ao uso da razão. A máxima “julgar da melhor maneira possível tem inspiração na filosofia estoica, que era uma doutrina filosófica de Zenão de Cítio<sup>7</sup>, segundo a qual o ideal sábio é viver em perfeito acordo e harmonia com a natureza.

Segundo Descartes, a razão deve aprender a fazer um bom uso das paixões da alma, evitando todo excesso e a desmedida. Muito embora as paixões da alma sejam um obstáculo à busca da verdade pois dão origem a representações confusas, não sendo estas no entanto patológicas e sim “de boa natureza”, pois elas ajudam a satisfazer a existência humana. Descartes escreveu este livro próximo ao final de sua existência e alerta para a necessidade de se conhecer as paixões, as afeições da alma originadas no corpo.

Conforme Descartes (1979, p.224):

Aqueles que chamo suas ações são todas as nossas vontades, porque sentimos que vem diretamente da alma e parecem depender apenas dela; do mesmo modo, ao contrário, pode-se em geral chamar suas paixões toda espécie de percepções ou conhecimento existente em nós, porque muitas vezes não é a nossa alma que os faz tais como são, e porque sempre os recebe das coisas por elas representadas.

O livro “As Paixões da Alma”, de Descartes é importantíssimo, pois faz explicar sobre a relação entre mente e corpo nos seres humanos, como também

---

<sup>6</sup> Jean Buridan foi um filósofo e religioso francês. Embora tenha sido um dos mais famosos e influentes filósofos da Idade Média tardia, ele está hoje entre os nomes menos conhecidos do período.

<sup>7</sup> Zenão de Cítio foi um filósofo da Grécia Antiga. Nasceu na ilha de Chipre. Lecionou em Atenas, onde fundou a escola filosófica estoica por volta de 300 a.C.

esclarece sobre o modo como a vida deveria ser vivida na questão da moralidade ou moral provisória.

Segundo Descartes, a generosidade significa uma vida boa e é a virtude maior ela é o alicerce da moral. Para o referido filósofo é generoso o indivíduo que sabe que a vontade é absolutamente livre e está decidido a fazer bom uso dela a aquilo que é razoável. Descartes concorda que a razão algumas vezes não reage bem frente às paixões e ter o conhecimento dessa impotência orienta o ser humano a ser compreensivo com as outras pessoas, bem como a se fazer bom uso das paixões. Descartes (1979, p. 279):

Podemos executar em nós a paixão e em seguida adquirir a virtude da generosidade, sendo esta como a chave de todas as outras virtudes e um remédio geral contra todos os desregramentos das paixões; parece-me que tal consideração bem merece ser observada.

É importante a teoria filosófica da generosidade em René Descartes, porque nela o filósofo demonstra o poder autônomo da vontade como única e verdadeira base para a avaliação da moral para que se possa ter uma vida humana digna de ser vivida.

Justin Skirry<sup>8</sup> é professor assistente de filosofia na Universidade Wesleyana de Lincoln, Nebraska, EUA. (p.203-207, 209): o referido autor interpreta o código da moral provisória, que se encontra na parte IV do livro o “Discurso do Método,” esta moral provisória afirma que é necessária enquanto Descartes desenvolve a sua dúvida metodológica.

A moral provisória é um código de “três ou quatro” regras ou máximas que orientam as pessoas a não ficarem paralisadas pela incerteza nos assuntos práticos, não filosóficos da vida.

A ideia central da primeira é levar uma existência com moderação e sensatez. A segunda máxima é seguir as atitudes das pessoas sensatas e que se afastam e que evitam os exageros e praticam as ações mais moderadas.

Na terceira máxima, o filósofo René Descartes decide orientar a si próprio e não o destino, e reconhece fundamentalmente de que tudo o que está sob seu controle são seus próprios pensamentos e nada mais, ou seja, que o restante das coisas estão fora do seu controle. Descartes se torna hesitante com relação à quarta

---

<sup>8</sup> Publicou monografias no *Journal of The History of Philosophy Quarterly* e outros periódicos acadêmicos, e autor de *Descartes and The Metaphysics of Human Nature*, editada pela Continuum, 2005.

máxima ao querer incluí-la no código provisório, no entanto a escolha de uma atividade é necessária para qualquer pessoa que tenha que trabalhar para viver.

As quatro máximas são:

- 1) obedecer às leis e costumes do meu país, permanecendo fiel à religião católica, e me conduzir em todos os outros assuntos de acordo com as opiniões mais moderadas aceitas na prática pela pessoa mais sensatas.
- 2) ser tão firme e decisivo na ação quanto possível e seguir mesmo as opiniões mais duvidosas uma vez as tenha adotado.
- 3) tentar dirigir a mim mesmo e não ao destino, mudando os desejos e não a ordem do mundo.
- 4) analisar as várias profissões e escolher a melhor.

A razão é fundamental, ela têm que possuir firmeza e liberdade, para que os indivíduos possam dominar as paixões, o que significa possuir o domínio de si próprio. Esta atitude das pessoas resultará em uma existência alegre, feliz e moral de uma pessoa verdadeiramente generosa. Descartes, próximo ao fim de sua existência, nos presenteou um guia para podermos desfrutar a felicidade nesta vida: que é o verdadeiro objetivo de toda filosofia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois do que foi mostrado neste trabalho, podemos considerar que o bom-senso ou razão ou luz natural é de extrema importância para a distinção do verdadeiro e do falso, tendo como fundamento um método eficiente, pois as pessoas que procedem desta forma terão mais chances de caminhar seguras em suas pesquisas científicas e nas ações do cotidiano, no entanto há a necessidade, na busca da distinção do verdadeiro e do falso, do uso da intuição que apresenta a evidência das ideias claras e distintas e da dedução que é um raciocínio lógico que se faz a partir das evidências, com inspiração no rigor matemático.

Convém ressaltar, que para Descartes, apesar de haver divergências de opinião, a razão é universal e que para se alcançar o conhecimento verdadeiro, deve-se abandonar os preconceitos e as opiniões que prejudicam a busca desse conhecimento almejado.

O importante, segundo o referido filósofo é que devemos julgar por nós mesmos. O conhecimento permite que nos tornemos “mestres e possuidores da natureza”. Dessa forma a subjetividade se torna independente e se fundamenta na reflexão e passa a ser sujeito e objeto do conhecimento. O indivíduo passa a ter liberdade que é a capacidade de poder agir por si mesmo, com autodeterminação, independentemente de toda influência externa.

A liberdade de escolha utilizando-se a razão, em Descartes, segundo Rodis-Lewis<sup>9</sup> (1996, p.34):

O Discurso conclui: “Eu reputava quase como falso tudo o que era apenas verossímil.” Ao escrever essa frase, Descartes sugere a diferença entre uma incerteza vivida e a decisão de uma dúvida sistemática, rejeitando “como absolutamente falso” tudo o que comporta a menor “dúvida”. Ele acabava de abandonar todos aqueles livros de pretensões tão frágeis: “abandonei o estudo das letras”, não mais buscando, afirma “outra ciência senão aquela que poderia se encontrar em mim mesmo, ou então no grande livro do mundo”.

---

<sup>9</sup> Geneviève Rodis - Lewis nasceu em 1918 e morreu em 25 de agosto de 2004. Professora da Universidade de Paris-Sorbonne, onde ela fundou o Centro de Estudos cartesianas em 1981. Especialista em filosofia moderna, mas também em filosofia antiga e estética, ela viu a maioria de suas obras traduzidas em muitos países e muitas vezes republicado. Conhecida por seu trabalho em Descartes, a quem dedicou uma biografia em 1995.

Segundo Descartes, a sua intuição não é a de ensinar um método no qual qualquer pessoa possa seguir para poder guiar a sua razão, e sim ressaltar para as pessoas o modo como ele procurou conduzir a sua.

Em sua existência o homem procura incessantemente seus ideais de independência, de liberdade e de uma boa qualidade de vida, René descartes, em sua obra “O Discurso do Método” enfatiza sobre a importância da ciência para o desenvolvimento da tecnologia e da medicina, para se poder utilizar a natureza de maneira proveitosa e desenvolver-se uma boa condição de vida.

Terminando, afirmamos que o filósofo René descartes, é o pai do racionalismo moderno ao mostrar em seu livro “O Discurso do Método”, sobre a superioridade do bom-senso, razão ou luz natural em todos os homens, como sendo a origem de todo o saber e, orientado por um método rigoroso, o indivíduo em sua subjetividade pode chegar ao conhecimento científico universal.

## REFERÊNCIAS

Carta – **Prefácio aos princípios da filosofia de Descartes**: tradução de Alexandre Guimarães Tadeu de Soares. Baseado a partir do texto que encontra na edição Adam Tannery – volume IX-2 pp 1-20 (paris Vrin- CNRS, 1996. Disponível em: [www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article](http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article). Acesso 14 de outubro de 2014

COTTINGHAM, John. Dicionário Descartes / John Cottingham: tradução, Helena Martins: **revisão técnica**, Ethel Alvarenga; consultoria, Raul Landim. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

DESCARTES, René. **Discurso do método: Meditação** / René Descartes; tradução Roberto Leal Ferreira. – ed. – São Paulo: Martin Claret, 2012. – (Coleção a obra-prima de cada autor; 45).

\_\_\_\_\_. **Discurso do método: Meditação/As paixões da alma**/René Descartes: introdução de Galles Gaston Granger– 2.ed. – São Paulo: abril cultura .1979.– (Os pensadores).

\_\_\_\_\_. René. **A dióptrica. Discursos, i, ii, iii, iv e viii**, Scientia studia, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 451-86, 2010.

\_\_\_\_\_. René. **Princípio da filosofia**. Tradução João Gama – revisão da tradução; Joaquim Alberto Ferreira Homes; José Manoel de Magalhães Teixeira - Lisboa Portugal, edições 70. Disponível em <http://minhateca.com.br/niltonvarela>. Acesso em 15 de outubro de 2014.

\_\_\_\_\_. René. **Regras para a direção do espírito**: tradução de João Gama – ed. edições 70, Lisboa - Portugal. Disponível em: <http://www.revistaliteraria.com.br.pdf>. Acesso em 13 de outubro de 2014

GENEVIVE, Rodis-Lewis. **Biografia**/René Descartes: tradução de Joana Angélica D'Avila Melo – Ed, afiliada ABDR- Record. Rio de janeiro. 1996.

JAPIASSÚ, Hilton, MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia** . 4ª Ed. Atual – Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2006.

RESENDE, Antônio. (Org.) **Curso de Filosofia: Para professores e alunos dos cursos de ensino médio e graduação**. 15. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Descartes A metafísica da modernidade**. ed. Moderna – São Paulo.(coleção Logos) 1993.

SKIRRY, Justin. **Compreender descartes**: tradução de Marcus Penchel: ed vozes - Petrópolis, ,(Série Compreender). Rio de Janeiro. 2010